

A CRIATIVIDADE TERRITORIAL EM PORTUGAL: DOS INDICADORES AOS TERRITÓRIOS CRIATIVOS

Ricardo Fernandes¹ e Rui Gama²

RESUMO

A economia criativa é atualmente encarada como uma força motriz para a criação de vantagens competitivas, a integração de inovações, a competitividade e para a diferenciação dos territórios na perspetiva do conhecimento e da inteligência territorial. A redefinição dos processos de desenvolvimento tem encontrado na criatividade uma “resposta” à globalização e aos problemas de escala, sublinhando-se a importância de uma nova ligação entre a economia, a tecnologia, a cultura e a qualidade de vida. Deste modo, torna-se central identificar o potencial criativo das diferentes sub-regiões portuguesas numa perspetiva de posicionamento e diferenciação dos diferentes territórios. Com efeito, para a medição da criatividade é essencial que se identifiquem as principais variáveis que caracterizam os eixos fundamentais da criatividade (tecnologia, talento e tolerância), construindo um índice de criatividade no intuito de enquadrar e apoiar a (re)definição de políticas de desenvolvimento local e regional.

1 INTRODUÇÃO

Os territórios do conhecimento e inteligentes não podem dissociar-se da criatividade, sendo que os conceitos e elementos que os sustentam têm na sua génese a criatividade dos indivíduos, das empresas, das instituições e dos diversos atores/agentes do território. Com efeito, a criatividade e a economia criativa acabam por ser um denominador comum às trajetórias de desenvolvimento territorial atuais. Estas estratégias assentam, inicialmente, na preocupação em reforçar as dimensões cultural, artística e criativa das sociedades, sendo suportadas pelos seus indivíduos, instituições e infraestruturas. Com efeito, as cidades e regiões ancoradas na aprendizagem, tecnologia e inovação, podem ser caracterizadas através de um conjunto de elementos intangíveis (criatividade das pessoas e das instituições, entre outros) e tangíveis (instituições e infraestrutura digital, entre outros), o que sendo condições necessárias e indispensáveis, não são suficientes para o aparecimento de territórios inovadores e competitivos.

A perceção das condições essenciais que favorecem a criatividade, tornando os territórios competitivos, é uma das questões centrais para um novo enquadramento nos pressupostos da economia do conhecimento, da aprendizagem e da criatividade. Deste modo, a

¹ Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, CEGOT – Centro de Estudos em Geografia e Ordenamento do Território, FCT - SFRH/BD/44371/2008, r.fernandes@fl.uc.pt

² Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, CEGOT – Centro de Estudos em Geografia e Ordenamento do Território, rgama@fl.uc.pt

competitividade de um território pode ser entendida como a “capacidade de uma região para gerar, apesar de exposta à concorrência externa, níveis de rendimento e emprego relativamente elevados” (CE, *Sexto Relatório Periódico*, 1999). A inovação e a criação de condições favoráveis ao seu processo aparecem como aspetos centrais para que os territórios sejam competitivos e criativos. Com efeito, a capacidade de criação e de acesso a conhecimentos novos e variados, deverá personificar a estratégia a seguir no sentido do desenvolvimento (competitividade) dos territórios. Neste contexto territorial, a criatividade tem vindo a assumir uma importância crescente, sendo que, atualmente, os sectores relacionados com a indústria criativa têm conhecido uma crescente centralidade na análise teórica e no discurso político contemporâneo. De acordo com Florida (2004), os (novos) territórios criativos estão intimamente ligados ao conhecimento, à ciência, à tecnologia, mas também às novas dimensões como cultura, arte, media e qualidade de vida. Deste modo, este tipo de espaços, para além de terem as suas redes de conhecimento sólidas, deverão ter capacidade de atrair a classe criativa, segmento que valorizará o território e criará novas vantagens competitivas.

2 CRIATIVIDADE TERRITORIAL E DESENVOLVIMENTO REGIONAL: ALICERCES PARA OS ESPAÇOS (URBANOS) CRIATIVOS

A definição de criatividade não é simples, pois integra a importância de diferentes dimensões e campos de estudo relacionados com a psicologia, arte, ciência, economia, tecnologia, entre outros. A capacidade de criar e fixar talentos (criatividade) tem vindo a torna-se uma das bases para a formação e atração de empresas, capital e indivíduos numa “economia que aprende”, verificando-se uma revalorização da lógica das decisões de localização das pessoas por contraponto às decisões de localização das empresas, fator “tradicional” no desenvolvimento regional (FLORIDA, 2003). Segundo Nieh (2005), a criatividade pode ser analisada como a “capacidade de gerar e ligar novas ideias e de as conceptualizar como parte integrante de tecnologias”, levando a que se traduza num conjunto de vantagens competitivas para os ativos territoriais quer numa perspectiva tecnológica (TIC, tecnologia, inovação e economia digital), quer ao nível da criatividade artística (indústrias culturais e criativas, cultura, desporto, lazer) e económica (inovação em tecnologia, as práticas de gestão e negócio, o marketing, entre outros) (UNCTAD, 2008). No fundo, a criatividade está relacionada com a ideia de construção de um *capital criativo* (tangível e intangível), cuja interação com outros capitais, dinâmicas e agentes territoriais dá origem a diferentes resultados e/ou produtos, fazendo com a criatividade seja definida como o *processo pelo qual as ideias são geradas, relacionadas e transformadas em coisas com valor* (UNCTAD, 2008:10).

Na perspectiva do território e dos contextos territoriais específicos, traduzidos no chamado “espírito do lugar”, observa-se uma centralidade do efeito de atração de determinados lugares sobre os indivíduos que incorporam as *comunidades criativas de base espacial* (NIEH, 2005). No fundo, esta atmosfera reflete a presença de trabalhadores e instituições do conhecimento, características que devem motivar a organização dos territórios quer no sentido do estabelecimento de redes sociais e de conhecimento, quer no aparecimento de um clima atrativo de talentos favorável à “experimentação” (académica, cultura urbana, social, entre outras). Deste modo, o território criativo tem que ser considerado um espaço autêntico, informal, tolerante e com qualidade de vida, normalmente associado a um meio universitário, a uma atratividade vincada de população qualificada e criativa e a uma economia do conhecimento em prosperidade exponencial. Segundo Landry (2000), a classe criativa e as indústrias criativas requerem ambientes que estimulem e potenciem as suas

características, novos estilos de vida, novas profissões, novas lógicas espaciais, organizações e espaços que tenham nas atividades criativas os seus principais alicerces. A coabitação entre o contexto espacial e a criatividade dos seus agentes tem sido determinante para o sucesso dos territórios e para o desenvolvimento urbano, tendo os fluxos criativos a cidade como principal espaço de produção e disseminação, surgindo assim uma nova forma de abordar os “lugares” criativos, a cidade criativa. Neste sentido, observa-se uma centralidade das atividades/indústrias criativas como bases estruturais para a cidade, como proliferadoras e potencializadoras do desenvolvimento com base no conhecimento, inovação e criatividade e ancoradas na necessidade de atrair competências criativas (empresas, classe criativas, etc.) (HALL, 2000; LANDRY, 2000; SCOTT, 2006; FERNANDES, 2008; EVANS, 2009). Deste modo, existe uma centralidade da identidade cultural dos indivíduos, agentes e territórios, sendo uma alavanca de competitividade dos territórios de forma cumulativa, fortalecendo o talento e a dinâmica de uma economia da cultura. Paralelamente, as redes de transferência e disseminação da informação são de extrema importância para promover a inovação e a criatividade, pois permitem um incremento da capacidade organizativa dos agentes e dos espaços. Um terceiro elemento relaciona-se com o pressuposto de tolerância avançado por Florida (2003) e sublinha a centralidade da constituição de comunidades em que exista articulação, cooperação e capacidade estratégica em torno de objetivos e responsabilidade comuns. Para além a importância da coabitação entre diferentes estratos, etnias e culturas no território, vincando os pressupostos da tolerância e multiculturalismo, é essencial que esta inclusão se verifique paralelamente na dimensão urbana e numa lógica de cooperação entre as diferentes componentes espaciais (MATEUS, 2010).

3 MEDIÇÃO DA CRIATIVIDADE EM PORTUGAL: CREATIVITY INDEX

3.1 Aspetos metodológicos

No quadro dos estudos de crescimento regional e desenvolvimento a atenção tem-se centrado nas decisões de localização das empresas e outros agentes territoriais e na importância das cidades como “meios” de diversidade e diferença e como fontes para a criatividade e inovação (Florida, 2003). Neste sentido, importa perceber também qual o papel que o lugar tem nas decisões de localização dos indivíduos e das atividades económicas e qual o reflexo territorial de diferentes comportamentos face à criatividade. Se do ponto de vista da teoria do capital humano a chave do crescimento regional está na diferente dotação de fatores como a população escolarizada e produtiva, a teoria do capital criativo sublinha o papel da classe criativa no crescimento económico tendo em atenção as suas decisões de localização, sendo os territórios criativos reservatórios de diversidade, diferença e fontes de criatividade e inovação (FLORIDA, 2003).

Neste contexto, Florida (2003) identifica uma série de tendências que configuram uma nova “geografia da criatividade”. O aparecimento de “centros criativos” diferentes das localizações tradicionais é preponderante para a solidificação da economia criativa e do conhecimento, promovendo a concentração de pessoas criativas, de inovações e atividades de alta-tecnologia. A chave para entender a nova “geografia económica da criatividade” e os efeitos nos resultados económicos traduz-se nos “3 T do desenvolvimento económico – *Tecnologia, Talento e Tolerância*” (Florida, 2003 e 2004). Com efeito, a tecnologia é entendida como concentração de inovação e alta tecnologia numa região. O talento traduz o grau de escolarização e qualificação das pessoas. A tolerância relaciona-se com a abertura, inclusão e diversidade (étnica, racial, entre outras) dos territórios. A criatividade e

a classe criativa manifestam-se nos territórios que apresentam estes três fatores sendo cada um necessário mas não suficiente. No fundo, não é apenas necessário que exista uma população altamente escolarizada, mas perceber como é que estes indivíduos materializam os seus conhecimentos em novas tecnologias, como se relacionam as escolarizações e a criatividade com as concentrações de inovação, conhecimento e cultura.

O presente estudo procura, a partir do índice de criatividade calculado para a Europa por Florida e Tinagli (2004), aplicar os princípios da metodologia a Portugal, utilizando a desagregação administrativa sub-região e tentando perceber as disparidades espaciais no quadro da tecnologia, talento e tolerância. Em termos metodológicos, para cada um dos T's atribuímos quatro indicadores, que foram transformados numa escala de 1 a 30 (1 referente ao pior resultado e 30 ao melhor) e, posteriormente, relativizadas face à distância existente de cada uma das unidades espaciais à sub-região com a melhor performance. A tecnologia foi caracterizada a partir de quatro dimensões e respetivas variáveis: inovação e investimento, infraestrutura TIC, Internet e economia digital e I&D (Tabela 1).

Tabela 1 Dimensões e variáveis do Índice de Criatividade

3 T's de <i>Richard Florida</i>	Dimensões	Variáveis	
		Designação	Ano e Fonte
Tecnologia	<i>Inovação e investimento</i>	Investimento no QREN	GPEARI (2011)
	<i>Infraestrutura TIC</i>	Alojamentos cablados	Anuários Estatísticos (2010)
	<i>Internet e economia digital</i>	Websites de empresas (SAPO)	SAPO (2011)
	<i>I&D</i>	Despesa em I&D	Anuários Estatísticos (2010)
Talento	<i>Classe criativa</i>	Taxa de escolarização no ensino superior	
	<i>Recursos humanos e habilitações</i>	Trabalhadores por conta de outrem, com nível de habilitações superior (bacharelato, licenciatura, mestrado e doutoramento) (% do total de trabalhadores por conta de outrem)	
	<i>Capital humano e produtividade</i>	Produtividade (VAB/Emprego)	
	<i>Talento Científico</i>	Pessoal em I&D	
Tolerância	<i>Atitudes e multiculturalismo</i>	População estrangeira com estatuto de residente	
	<i>Expressão individual</i>	Participação nas últimas eleições autárquicas	
	<i>Valores</i>	População que não sofreu nenhum crime (por mil habitantes) (diferença com base na Taxa de Criminalidade)	
	<i>População, cultura e desporto</i>	Despesas das câmaras municipais em atividades culturais e de desporto	

As variáveis utilizadas foram o investimento realizado pelas empresas no âmbito do QREN (Programa Operacional Fatores de Competitividade), os alojamentos cablados, os websites das empresas no motor de busca SAPO e a despesa em I&D. No que se refere ao talento definiram-se quatro dimensões (classe criativa, recursos humanos e habilitações, capital humano e produtividade e talento científico) e as variáveis taxa de escolarização no ensino superior, trabalhadores por conta de outrem nos estabelecimentos por município com nível de habilitações superior, produtividade (VAB/Emprego) e pessoal em I&D. A Tolerância teve em atenção as dimensões relacionadas com as atitudes e multiculturalismo, expressão

individual, valores e população, cultura e desporto. As variáveis que integraram a análise da tolerância foram a população estrangeira com estatuto legal de residente, a participação nas últimas eleições autárquicas, a população que não sofreu nenhum crime (por mil habitantes) e as despesas das câmaras municipais em atividades culturais e de desporto.

Seguidamente, para cada variável, de cada um dos T's, foi calculado um índice relativizado também numa escala de 1 a 30 em que o valor máximo é atribuído à sub-região com melhores valores dos indicadores analisados, e os restantes, a distância relativa à sub-região com o valor máximo, considerando o valor de referência das unidades espaciais (30). Na sequência, um outro aspeto prende-se com a determinação dos três índices de dimensão (índice de tecnologia, talento e tolerância), resultado da divisão do produto entre a média das variáveis e o número total de unidades espaciais com o valor mais elevado do total das unidades espaciais. Este processo, após ordenação decrescente da variável segundo as unidades espaciais reflete a sub-região com melhor performance e, consequentemente, as unidades com comportamentos menos intensos face a distância relativa ao máximo considerando o valor de referência das unidades espaciais face à distância relativa ao máximo considerando. A construção de um índice-resumo a partir dos três T's (Creative Index) permite avaliar a competitividade das sub-regiões na “Idade Criativa” (Florida e Tinagli, 2004), resultando, para cada unidade espacial, da média dos três grandes índices de dimensão (Tecnologia, Talento e Tolerância).

3.2 “Geografia da criatividade”: tradução da criatividade territorial em Portugal

Para se determinar uma “geografia da criatividade” para o território português calcularam-se os três principais índices de criatividade (índice de tecnologia, de talento e de tolerância) e, por fim, um índice de criatividade global, com base nas variáveis recolhidas para cada uma das dimensões consideradas. A tabela 2 e a figura 1 apresentam os resultados relativizados para as quatro variáveis da dimensão tecnologia e, respetivamente, o índice de dimensão que resume as variáveis utilizadas. Com efeito, existe uma forte diferenciação espacial do índice de tecnologia, destacando-se Grande Lisboa e Grande Porto num primeiro patamar, principalmente com comportamentos mais significativos ao nível dos alojamentos cablados, websites e despesa em I&D e reflexo da preponderância dos dois contextos metropolitanos ao nível nacional.

Num segundo patamar surgem um conjunto de sub-regiões que refletem, novamente, a importância do urbano e dos contextos associados às cidades médias portuguesas. Nos casos do Baixo Mondego e, principalmente, do Baixo Vouga associa-se ao contexto urbano a dimensão industrial, justificada principalmente por um índice com forte contributo dos elevados investimentos no QREN ao nível dos serviços e indústria. Neste contexto, com índice de tecnologia igualmente representativos, destacam-se o Ave, Alentejo Litoral e Médio Tejo que, apesar de valores mais reduzidos ao nível da infraestrutura TIC, Internet e I&D, assumem um forte investimento nos incentivos às empresas do QREN, tendo este indicador um papel diferenciador ao nível do “ranking” tecnológico das sub-regiões portuguesas. Com comportamentos intermédios ao nível do índice de tecnologia, bem como as variáveis que o constituem, surgem territórios como Cávado, Entre Douro e Vouga, Dão-Lafões, Pinhal Litoral, Cova da Beira, Oeste, Algarve, Tâmega, entre outros. À medida que os índices de tecnologia são menos representativos, observa-se uma associação direta a sub-regiões com níveis de desenvolvimento mais baixos, como os casos da Serra da Estrela, Pinhal Interior Norte e Sul, Alto Trás-os-Montes, Beira Interior Norte, entre outros, sub-regiões localizadas no Interior do continente português.

Tabela 2 Índice de Tecnologia e variáveis de dimensão

Sub-regiões (NUT 3)	Índice de Tecnologia	TECNOLOGIA			
		Investimento QREN	Alojamentos cablados	Websites de empresas	Despesa I&D
Grande Lisboa	30.00	3,19	30,00	30,00	29,18
Grande Porto	23,16	19,59	16,09	16,78	18,87
Baixo Vouga	18,87	22,34	3,44	6,54	25,78
Baixo Mondego	16,82	16,10	3,05	2,64	30,00
Península de Ave	14,30	0,87	17,77	6,29	19,10
Alentejo Litoral	13,84	12,90	2,19	6,45	21,09
Médio Tejo	13,25	15,62	0,43	0,39	24,38
Cávado	12,04	30,00	1,04	2,41	3,63
Entre Douro e Dão-Lafões	9,35	5,42	3,33	4,21	15,82
Pinhal Litoral	7,93	6,79	3,20	4,11	10,31
Alentejo Central	7,78	6,59	1,58	2,07	13,71
Cova da Beira	7,72	6,28	1,77	6,58	9,14
Oeste	7,41	8,48	1,10	0,93	12,30
Algarve	6,88	1,02	0,61	0,81	18,75
Tâmega	5,51	4,97	2,71	4,23	5,04
Lezíria do Tejo	5,49	3,17	5,78	3,28	4,69
Minho-Lima	4,58	6,95	0,99	3,94	2,23
Douro	4,55	3,81	1,57	2,30	6,33
Baixo Alentejo	4,42	3,34	0,65	1,53	8,09
Beira Interior Sul	4,30	1,96	0,57	0,87	9,84
Alto Alentejo	4,02	6,96	0,48	0,48	4,45
Beira Interior	3,20	1,84	0,50	0,48	7,03
Alto Trás-os-RAM	2,87	2,71	0,50	0,48	5,16
RAA	2,80	1,00	0,28	1,12	6,21
Pinhal Interior	2,68	1,69	0,88	0,89	4,80
Serra da Estrela	2,57	0,00	2,39	0,71	4,80
Pinhal Interior Sul	2,56	0,00	1,91	0,58	5,39
	1,47	2,13	0,19	1,02	1,17
	0,41	0,77	0,20	0,31	0,00
	0,38	0,73	0,00	0,44	0,00

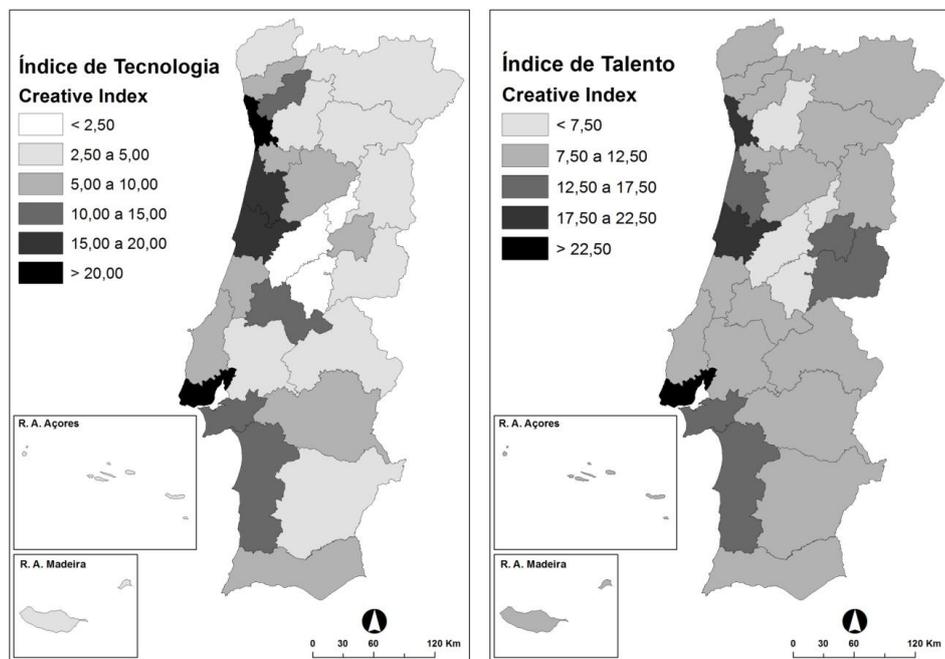


Fig. 1 e 2 Índices de Tecnologia e Índice de Talento

No que se refere ao talento, a tabela 3 e a figura 2 mostram que a matriz dos comportamentos observados no índice de tecnologia se mantem, apenas com algumas alterações pontuais ao nível das performances de algumas sub-regiões. Com efeito, destacam-se com os valores mais expressivos do índice de talento as sub-regiões de Grande Lisboa, Baixo Mondego e Grande Porto. No caso do primeiro território apontado, existe um reflexo vincado da importância de todas as variáveis, porém com uma menor preponderância da classe criativa (ao nível da taxa de escolarização no ensino superior). Por outro lado, o Baixo Mondego, apesar do posicionamento positivo em todas as variáveis, regista no pessoal de I&D o principal comportamento menos competitivo.

Tabela 3 Índice de Talento e variáveis de dimensão

Sub-regiões (NUT 3)	Índice de Talento	TALENTO			
		Tx. Escolarização Ensino Superior	Trabalhadores com habilitação superior	Produtividade (VAB/Emp.)	Pessoal I&D
Grande Lisboa	30.00	14,34	30,00	23,87	30,00
Baixo Mondego	21.53	30,00	18,83	16,57	5,09
Grande Porto	20.13	14,05	21,53	19,25	11,04
Cova da Beira	13.69	19,74	14,06	10,35	0,68
Península de Beira Interior Sul	13.23	5,80	14,49	19,09	3,93
Alentejo Litoral	13.04	18,66	12,38	11,36	0,30
Baixo Vouga	12.94	0,15	11,60	30,00	0,61
Baixo Alentejo	12.80	7,27	16,14	14,67	3,81
Alentejo Central	12.14	5,57	12,72	21,23	0,23
Pinhal Litoral	11.84	9,59	11,31	16,87	0,98
Algarve	11.70	6,43	13,82	16,89	1,14
Cávado	11.54	5,41	11,85	19,05	1,48
RAM	11.45	9,25	12,25	13,38	2,59
Lezíria do Tejo	11.23	2,56	11,34	22,19	0,66
Douro	10.80	4,40	12,32	17,96	0,69
Alto Alentejo	10.68	8,96	14,08	11,22	0,70
Alto Trás-os-Dão-Lafões	10.41	6,27	11,02	16,46	0,34
RAA	10.41	9,12	13,82	10,62	0,52
Médio Tejo	10.39	5,67	14,73	12,90	0,69
Beira Interior	10.06	2,32	11,94	17,95	0,73
Minho-Lima	9.80	3,06	12,28	16,25	0,48
Oeste	9.21	6,27	13,16	10,49	0,24
Entre Douro e Ave	9.14	3,94	12,51	12,83	0,63
Serra da Estrela	8.64	2,24	10,76	14,62	0,66
Pinhal Interior	8.49	0,66	12,35	13,90	0,87
Tâmega	8.04	1,85	9,41	13,34	1,71
Pinhal Interior Sul	6.89	1,92	9,72	10,91	0,00
	6.86	0,90	8,92	12,55	0,07
	6.28	1,55	7,61	10,96	0,42
	5.72	0,00	7,89	10,85	0,00

Posteriormente, num segundo patamar surgem sub-regiões com valores relativizados muito semelhantes, variando as classificações entre 10 e 14 pontos de índice de talento, refletindo dinâmicas intermédias e muito semelhantes no que se refere às quatro variáveis constituintes do indicador de dimensão (Cova da Beira, Península de Setúbal, Baixo Vouga, Pinhal Litoral, entre outros). Num terceiro nível, surgem territórios ligeiramente menos preponderantes no quadro do talento, como o Médio Tejo, Minho-Lima, Oeste, Ave, Entre Douro e Vouga, apresentando valores abaixo dos 10,00. Apesar de nunca se verificarem valores próximos do 0 (zero), dado o comportamento das variáveis selecionadas, o Pinhal Interior Sul, Tâmega, Pinhal Interior Norte e Serra da Estrela, são considerados os espaços com menores índices de talento, traduzindo situações menos positivas do pessoal em I&D, da produtividade, da presença de trabalhadores com habilitações superiores e de taxas de escolarização no ensino superior.

Paralelamente aos índices de tecnologia e talento, torna-se central a análise da dimensão da tolerância, a partir da relativização e ordenação dos dados de população estrangeira, participação nas últimas eleições autárquicas, taxa de população que não sofreu nenhum crime e despesas autárquicas em cultura e desporto. A tabela 4 e a figura 3, destacam a Grande Lisboa como a sub-região de referência, principalmente devido às dimensões do multiculturalismo (população estrangeira), mas também no quadro da população, cultura e desporto e da expressão individual. Apesar dos valores serem relativamente próximos, num segundo patamar, surgem um conjunto alargado de sub-regiões com comportamentos de variáveis muito semelhantes e com índices de tolerância a variar entre os 16 e 19 pontos (Grande Porto, Tâmega, Ave, Cávado, Dão-Lafões, entre outros), principalmente devido à representatividade e homogeneidade dos indicadores associados com a participação nas eleições autárquicas e à inexistência na população residente de ocorrências de crime.

Tabela 4 Índice de Tolerância e variáveis de dimensão

Sub-regiões (NUT 3)	Índice de Tolerância	TOLERÂNCIA			
		População Estrangeira	Participação nas eleições autárquicas	População residente que nunca sofreu crime (diferença da Taxa de Criminalidade)	Despesas CM (cultura/ desporto)
Grande Lisboa	30.0	30,00	21,44	19,46	30,00
Grande Porto	18.8	4,04	25,02	22,83	11,18
Tâmega	18.3	0,47	30,00	27,45	3,61
Ave	18.0	0,68	28,57	27,49	3,66
Baixo Alentejo	17.8	0,52	27,05	30,00	2,44
Pinhal Interior Sul	17.7	0,07	29,04	29,84	0,50
Beira Interior	17.5	0,21	27,10	29,92	1,73
Cávado	17.5	1,08	28,36	26,75	2,68
Pinhal Interior	17.5	0,43	28,24	28,28	1,91
Alentejo Central	17.5	0,64	25,99	29,06	3,11
Entre Douro e	17.3	0,51	27,16	29,06	1,59
Alto Alentejo	17.3	0,45	27,64	28,08	2,09
Douro	17.2	0,33	27,00	28,43	2,20
Dão-Lafões	17.0	0,66	25,51	28,90	2,20
Algarve	16.9	11,93	23,68	13,00	8,25
Serra da Estrela	16.9	0,07	26,93	29,30	0,41
Península de	16.8	7,52	20,25	23,30	5,42
Alentejo Litoral	16.7	0,88	26,10	27,69	1,47
Médio Tejo	16.6	0,85	25,32	27,10	2,44
Oeste	16.3	2,68	24,24	24,56	3,41
Alto Trás-os-	16.3	0,40	25,25	26,51	2,55
Minho-Lima	16.3	0,51	25,38	26,59	2,20
Cova da Beira	16.2	0,18	26,14	27,34	0,77
Pinhal Litoral	16.0	1,59	23,87	26,48	2,05
Lezíria do Tejo	16.0	1,65	24,49	24,75	2,86
Baixo Vouga	15.6	1,68	23,68	23,93	3,23
Baixo Mondego	15.6	1,55	24,25	23,50	3,10
RAM	15.5	1,15	22,99	26,48	1,55
Beira Interior Sul	15.1	0,26	24,98	24,75	0,95
RAA	13.6	0,57	23,71	21,54	0,00

Contudo, o caso do Algarve, apesar do valor intermédio do índice, destaca-se com uma representatividade da população estrangeira, logo a seguir à Grande Lisboa. Paralelamente, para este comportamento do índice de tolerância, observam-se, igualmente, algumas dinâmicas específicas no caso das despesas das câmaras municipais em cultura e desporto, com a centralidade da Grande Lisboa, Grande Porto, Algarve e Península de Setúbal, porém sem uma grande influência nas performances globais do índice de tolerância. Com valores mais reduzidos de índices de tolerância aparecem os casos da Região Autónoma

dos Açores³, Beira Interior Sul, Região Autónoma da Madeira³, Baixo Mondego e Baixo Vouga, entre outros, principalmente devido à reduzida população estrangeira e à reduzida despesa das autarquias em cultura e desporto.

A construção de um índice resumo a partir dos três T's (índice de criatividade global), como resultado da média entre os índices de tecnologia, talento e tolerância, permite avaliar a competitividade e enquadramento criativo das sub-regiões portuguesas no quadro da “idade criativa” (FLORIDA e TINAGLI, 2004) e da (nova) economia “aprendente”. Deste modo, a tabela 5 e a figura 4 refletem, de forma sumária, um conjunto acumulado de comportamentos espaciais traduzidos pelos diferentes índices de dimensão e pelo índice de criatividade global. Com efeito, o *creative index* destaca positivamente, como território de referência a Grande Lisboa. O carácter urbano e metropolitano das dinâmicas criativas é vincado com o comportamento do Grande Porto que, mesmo com menor preponderância, se posiciona logo a seguir à principal sub-região urbana do país.

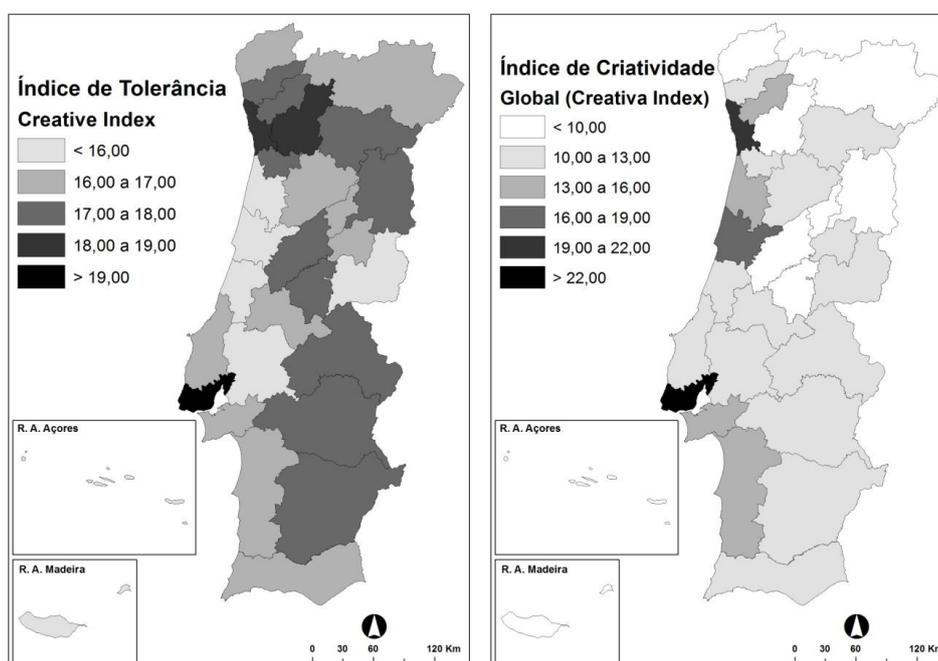


Fig. 3 e 4 Índice de Tolerância e Índice de Criatividade Global

Estas performances criativas vinculam as diferentes trajetórias de desenvolvimento das sub-regiões portuguesas ao nível dos domínios tecnológico, do talento e capital criativo e da tolerância, governância e participação. Para além da centralidade dos territórios metropolitanos, um segundo patamar sub-regional destaca um conjunto heterogéneo de espaços urbanos e de cariz mais industrial. Com efeito, surgem com índices de criatividade global representativos as sub-regiões do Baixo Mondego (principalmente com base nas variáveis do talento e tecnologia), Baixo Vouga (com predomínio positivo da tecnologia, nomeadamente nos investimentos QREN e da despesa em I&D), Península de Setúbal (a partir da contribuição equilibrada dos índices de dimensão, principalmente ao nível da tolerância), Alentejo Litoral, Ave e Médio Tejo, entre outros.

³ Deve-se sublinhar que no caso das Regiões Autónomas, os Anuários Estatísticos não dispõem de informação acerca das despesas das câmaras municipais em cultura e desporto, daí o seu comportamento menos positivo ao nível das variáveis e do índice de tolerância.

Tabela 5 Índice de criatividade global e índices de dimensão

Sub-regiões (NUT 3)	CREATIVE INDEX	ÍNDICES DE CRIATIVIDADE (3 T'S)		
		Índice de Tecnologia	Índice de Talento	Índice de Tolerância
Grande Lisboa	30.00	30,00	30,00	30,00
Grande Porto	20.68	23,16	20,13	18,80
Baixo Mondego	17.98	16,82	21,53	15,60
Baixo Vouga	15.76	18,87	12,80	15,60
Península de Setúbal	14.78	14,30	13,23	16,80
Alentejo Litoral	14.29	13,25	12,94	16,70
Ave	13.28	13,84	8,04	18,00
Médio Tejo	12.80	12,04	9,80	16,60
Cávado	12.76	9,35	11,45	17,50
Cova da Beira	12.25	6,88	13,69	16,20
Alentejo Central	12.24	7,41	11,84	17,50
Pinhal Litoral	11.82	7,72	11,70	16,00
Dão-Lafões	11.73	7,78	10,39	17,00
Baixo Alentejo	11.33	4,02	12,14	17,80
Algarve	11.31	5,49	11,54	16,90
Entre Douro e Vouga	11.25	7,93	8,49	17,30
Douro	10.74	4,30	10,68	17,20
Beira Interior Sul	10.46	3,20	13,04	15,10
Lezíria do Tejo	10.45	4,55	10,80	16,00
Alto Alentejo	10.20	2,87	10,41	17,30
Oeste	10.16	5,51	8,64	16,30
Minho-Lima	9.94	4,42	9,14	16,30
Beira Interior Norte	9.85	2,80	9,21	17,50
Alto Trás-os-Montes	9.79	2,68	10,41	16,30
RAM	9.77	2,57	11,23	15,50
Tâmega	9.72	4,58	6,28	18,30
RAA	8.75	2,56	10,06	13,60
Pinhal Interior Norte	8.61	1,47	6,86	17,50
Serra da Estrela	8.05	0,41	6,89	16,90
Pinhal Interior Sul	7.93	0,38	5,72	17,70

Em suma, estes territórios com melhores performances veem correlacionados de forma direta os comportamentos do índice de tecnologia com o índice de criatividade global. Posteriormente, mesmo com valores muito semelhantes, surgem o Cávado, Cova da Beira, Pinhal Litoral, Entre Douro e Vouga, Algarve, entre outros. Com valores do *creative index* abaixo dos 10,00, revelando comportamentos “criativos” menos preponderantes, destacam-se as sub-regiões do Minho-Lima, Beira Interior Norte, Alto Trás-os-Montes, Região Autónoma da Madeira e Tâmega. Finalmente, com os valores mais reduzidos ao nível da dinâmica criativa ancorada na tecnologia, talento e tolerância estão o Pinhal Interior Sul, Serra da Estrela, Pinhal Interior Norte e Região Autónoma dos Açores, revelando uma menor performance criativa global.

4 NOTAS FINAIS

A presente abordagem da criatividade territorial acentua a preocupação em encontrar novos modelos de planeamento e ordenamento do território, integrando novos mecanismos de governância e novos fatores de competitividade e de atratividade associados a uma *base espacial com suficiente capacidade e qualidade para funcionar como elemento catalisador da identidade de uma comunidade urbana dinâmica e de motivações iniciativas e relações, económicas geradoras de riqueza e emprego* (MATEUS, 2001:18). Com efeito, para além da tradução das trajetórias de desenvolvimento territoriais vincadas na análise dos índices de criatividade, observa-se uma associação direta entre as performances criativas das sub-regiões e os seus comportamentos globais de desenvolvimento, nomeadamente no quadro do PIB e da taxa de natalidade de empresas (Figuras 5 e 6).

agentes e os ambientes criativos, que traduzem um capital territorial (como interseção dos diferentes capitais criativos). Concomitantemente, a cidade criativa necessita de integrar novas ferramentas de competitividade urbana associadas à capacidade das suas redes, à sua riqueza e diversidade cultural, à qualidade da sua administração e liderança e à consciencialização da importância do contexto da cidade (ambiente, urbanismo, qualidade de vida, identidade e elementos simbólicos).

5 REFERÊNCIAS

Evans, G. (2009) Creative cities, creative spaces and urban policy, **Urban Studies**, 46, 1003-1040.

Fernandes, R. (2008) **Cidades e regiões do conhecimento: do digital ao inteligente – Estratégias de desenvolvimento territorial: Portugal no contexto europeu**, FLUC, Coimbra.

Florida, R. (2003) Cities and the Creative Class, **City & Community**, 2(1), 3-19.

Florida, R. (2004) **Cities and the Creative Class**, Routledge, Londres.

Florida, R. e Tinagli, I. (2004) **Europe in the Creative Age**, Alfred P. Sloan Foundation e Demos, Londres.

Florida, R. (2010) **The Great Reset. How New Ways of Living and Working Drive Post-Crash Prosperity**, Harper Collins Publishers, Nova Iorque.

Gama, R. (2007), Cidades e regiões inteligentes - A geografia da europa criativa, **Curso de Verão do Centro de Estudos Ibéricos**, Guarda, 4 de julho.

Hall, P. (2000) Creative Cities and Economic Development, **Urban Studies**, 37(4), 639-649.

Landry, C. (2000) **The Creative City: a toolkit for urban innovators**, Earthscan Publications, Londres.

Mateus, A. (2010) **O sector cultural e criativo em Portugal**, Estudo para o Ministério da Cultura (Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação e Relações Internacionais) – Relatório Final, Augusto Mateus & Associados, Lisboa.

Nieh, D. (2005) Silicon Valley and Beyond; Towards and Architecture of Creative Communities, **Making Spaces for the Creative Economy, ISOCARP Review**, Madrid, ISOCARP, October 2005.

Scott, A. (2006) Creative cities – Conceptual issues and policy questions, **Journal of Urban Affairs**, 28(1), 1-17.

UNCTAD (2008) **Creative Economy Report 2008: The challenge of assessing the Creative economy – towards informed policy-making**, ONU, UNDP e UNCTAD, Nova Iorque.